

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS E
EPISTEMOLÓGICOS DAS TEORIAS
FUNCIONALISTAS DA TRADUÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS
DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO
DAS LÍNGUAS DE SINAIS (ETILS)¹**



LIBRAS

Theoretical and epistemological bases of Functional Translation Theories:
contributions to Sign Language Interpreting and Translation Studies

**Glauber de Souza Lemos²
Teresa Dias Carneiro³**

RESUMO

Este artigo investiga as Teorias Funcionalistas da Tradução e suas aplicações teórico-epistemológicas nos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais (ETILS). Revisitaremos as perspectivas teóricas da tradução na escola alemã, com foco em três vertentes de abordagens: (i) a teoria da

ABSTRACT

This article explores Functional Translation Theories and their respective theoretical and epistemological applications to Sign Language Interpreting and Translation Studies. We will revisit the theoretical perspectives of translation in the German school, focusing on three

¹ Acesse aqui para ler em Libras: <https://youtu.be/4kEa3jDpBHw>.

² Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; e-mails: glauberslemos@gmail.com; gslemos@ines.gov.br.

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio; Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; e-mail: teresadcarneiro@gmail.com.

ação tradutiva; (ii) a teoria dos *skopos*; e (iii) a teoria da tradução funcional. Em seguida, apresentaremos alguns trabalhos acadêmicos nos ETILS que têm como suporte teórico essas teorias. Por fim, apontamos algumas sugestões para fomentar um diálogo mais próximo entre as Teorias Funcionalistas da Tradução, os ETILS e a didática da tradução.

aspects of approaches: (i) the theory of translational action; (ii) the *Skopos* theory; and (iii) the theory of functional translation. Then we will present some academic works in Sign Language Interpreting and Translation Studies that draw upon such theories. At last, we will point out some suggestions in order to fuel a more close dialogue linking such functional translation theories, Sign Language Interpreting and Translation Studies and the didactics of translation.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias funcionalistas da tradução; Didática da tradução/interpretação; Tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

KEYWORDS

Functional translation theories; Didactics of translation/Interpretation; Brazilian Sign Language (Libras) Translation/Interpretation.

Introdução

Neste artigo⁴, revisitaremos as perspectivas teóricas funcionalistas para a tradução, buscando conceitos e categorias aplicáveis à construção de uma didática da tradução/interpretação. Assim, temos três objetivos: (i) apresentar os fundamentos teóricos e epistemológicos das Teorias Funcionalistas da Tradução; (ii) detalhar os conceitos e as categorias da tradução funcionalista; e (iii) apontar alguns estudos e pesquisas fundamentadas nas Teorias Funcionalistas da Tradução/Interpretação em línguas de sinais. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e sobre as obras clássicas das Teorias Funcionalistas da Tradução: *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained* (NORD, 2018 [1997]); *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e*

⁴Agradecemos a leitura atenta e as sugestões de melhoria da professora Márcia do Amaral Peixoto Martins, do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem/Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGEL/PUC-Rio), para este artigo.

aplicação didática (NORD, 2016a); *Towards a general theory of translational action* (REISS; VERMEER, 2013 [1984]). Essas três obras foram fundamentais para a compreensão da constituição das Teorias Funcionalistas da Tradução e das suas ramificações e transformações epistemológicas durante as décadas de 1980 e 1990, na escola alemã de tradução. Também apresentaremos artigos, dissertações e teses acadêmicas em articulação teórico-aplicada entre os Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais e as Teorias Funcionalistas da Tradução (RIGO, 2015; KRUSSER, 2017; LIMA, 2017; PINHEIRO, 2017; SOUZA, 2018; BARBOSA, 2020).

Iniciaremos com a escola alemã, com foco nas Teorias Funcionalistas da Tradução (VERMEER, 1983 [1978]; REISS; VERMEER, 2013 [1984]; REISS, 1985), expondo os conceitos e as categorias das teorias da Ação Tradutiva (HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984), do Escopo – *Skopostheorie* (LEVY, 1969; VERMEER, 1989; REISS; VERMEER, 2013 [1984]) e da Tradução Funcional (NORD, 2009, 2016a, 2016b, 2018 [1997]). A partir desses entendimentos teórico-aplicados, buscaremos, ainda, aproximar os ETILS (QUADROS, 2004 [2002]; VASCONCELLOS, 2010; SANTOS, 2013; BONTEMPO, 2015; RODRIGUES; QUADROS, 2015; RODRIGUES, BEER, 2015; dentre outros) das Teorias Funcionalistas da Tradução na tradução de textos e interpretação em línguas de sinais (RIGO, 2015; KRUSSER, 2017; LIMA, 2017; PINHEIRO, 2017; SOUZA, 2018; BARBOSA, 2020). NO final, teceremos uma breve consideração apontando caminhos para fomentar ainda mais esse diálogo e seu impacto na didática da tradução/interpretação.

1. Teorias funcionalistas da tradução

Uma vertente da escola alemã teve forte influência das perspectivas funcionalistas pragmáticas nos Estudos da Tradução. Destacam-se como teóricos funcionalistas da tradução: Katharina Reiss (Teoria Crítica da Tradução); Hans J. Vermeer (Teoria dos *Skopos*); Justa Holz-Mänttari (Teoria da Ação Tradutiva); e Christiane Nord (Teoria de Análise Textual para Tradução). Compõem o quadro da primeira geração funcionalista: Reiss, Vermeer e Holz-Mänttari. Já Nord compõe a segunda geração funcionalista, tendo sido aluna de Reiss.

O ano de 1984 é marcado pela virada cultural nos Estudos da Tradução (SNELL-HORNBY, 2006, p. 47), principalmente, depois das publicações de

Katharina Reiss e Hans Vermeer, em: (i) *Grundlegung Einer Allgemeinen Translations-theorie* [Fundamentos para uma teoria geral da tradução]; e (ii) *Translatorisches Handeln: Theorie und Method* [Ação tradutiva: teoria e método]. Para Pym (2017 [2010], p. 97), ambos os livros confrontam o paradigma da equivalência, substituindo esse conceito por “adequação”. Nesse paradigma da adequação, analisam-se as funções comunicativas do texto de partida e busca-se a lealdade a essas funções entre os textos de partida e de chegada.

Para Vermeer (1983 [1978], p. 49), as ações humanas estão imbricadas no comportamento intencional e proposital (no caso do emissor/autor, possivelmente quer atingir um determinado propósito/objetivo com o seu texto), sendo determinadas e modificadas pela situação particular (individual) e sociocultural, pelas verbalizações e pelos elementos não verbalizados. Vermeer não considera a tradução como uma transferência de uma língua para outra e, por isso, a teoria da tradução não estaria baseada na teoria linguística, mas, sim, na necessidade de embasar a tradução (a ação translacional) junto a uma teoria cultural, abarcando as situações comunicativas e os elementos verbais e não-verbais (por exemplo, ilustrações, planos, tabelas, entre outros/as) (NORD, 2018 [1997], p. 11).

Reiss e Vermeer (2013 [1984], p. 134-136) defendem que, na “tradução adaptativa” (ou “tradução modificadora”), o texto de partida funciona como matéria-prima para atender a um determinado propósito, assim como acontece na tradução multimídia ou multimodal. Na “tradução funcional”, o processo tradutório inicia-se em nível pragmático, decidindo sobre a função (aspectos contextuais, estilística textual e estilo tradutório) pretendida na tradução (NORD, 2018 [1997], p. 63). Ou seja, nessa perspectiva, a tradução é produzida com uma intenção prospectiva, sendo projetada (focada em um processo) e funcionando (para se alcançar um produto) para uma cultura meta. Assim, a cultura é tida como uma totalidade de conhecimento, proficiência e percepção no ato tradutório (SNELL-HORNBY, 2006, p. 55).

Aqui, o entendimento epistemológico de tradução é que: (i) se uma língua não é um sistema autônomo, mas parte de uma cultura, nesse sentido, o tradutor não deve apenas ser bilíngue (ou competente linguisticamente intermodal, no caso das línguas de sinais), mas também bicultural; (ii) o texto não é um fragmento linguístico estático e isolado, mas dependente da recepção do leitor; (iii) o entendimento se dá a partir de situações comunicativas, tanto

extralinguísticas quanto linguísticas; e (iv) não existe uma tradução que seja única e perfeita, porque depende de seu escopo (objetivo/função) e da situação intratextual e extratextual (SNELL-HORNBY, 2006, p. 52).

Nessa perspectiva, a tradução é entendida como um fenômeno cultural (abarca noções dos Estudos Culturais, da Sociologia e da Antropologia Cultural) e linguístico (abarca noções da Linguística Aplicada, Linguística Textual, Pragmática e Hermenêutica). Ou seja, a tradução nas teorias funcionalistas faz uso de métodos descritivos (análise textual) para identificação das normas/convenções comunicativas entre as culturas e línguas envolvidas na tradução. Essas teorias compreendem que o foco da tarefa da tradução está na funcionalidade e na intencionalidade entre os textos, as línguas e as culturas de partida e de chegada; e buscam, também, problematizar a atividade tradutória e oferecer subsídios práticos para as resoluções de problemas no ato da tradução. Nessa perspectiva teórica, utilizam o conceito de tradução como transferência cultural, com o propósito de reformulação do texto de partida para o sistema semiótico do texto de chegada, recriando e produzindo um novo texto como um movimento de translação (ação).

As abordagens funcionalistas na/da tradução buscam teorizar a experiência profissional da prática da tradução, descrever o processo da tradução e analisar/avaliar os resultados do processo tradutório (NORD, 2018 [1997], p. 2). Essa concepção teórica compreende a tradução como: dependente da função do texto pelo contexto sociocultural; forma de interação translacional e intencional (levando-se em conta o ponto de vista do remetente/cliente que tem um determinado propósito para o texto); movimento interpessoal; ação comunicativa e intercultural; ação de processamento textual (NORD, 2018 [1997], p. 16-25).

1.1 Teoria da Ação Tradutiva⁵

Uma escola finlandesa nas teorias funcionalistas, também influenciada pelas tendências teóricas funcionalista, pragmática e sociológica, a “Teoria da Ação” (Translatorisches Handeln. Theorie und Methode – título traduzido como “Ação Translatorial. Teoria e Método”), foi constituída por Justa Holz-Mänttari (tradutora, estudiosa da tradução e formadora de tradutores).

⁵ Na tradução em Português, alguns tradutores, como Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil em PYM (2017 [2010]) optaram por chamar de “ação tradutiva” (referente ao que o tradutor faz que vai além de traduzir) para diferenciar de “tradutório” (envolvendo os processos e procedimentos de tradução). Outros tradutores optaram pelos termos “ação translatorial”, “ação translatória” ou “ação translacional”.

A preocupação da autora era descrever o que o “tradutor faz” (observando o cotidiano de um tradutor praticando o ato tradutório) no ato de tradução (ou no ato de transladar) de textos e quais eram as funções manifestadas pelas ações conduzidas pelos propósitos (PYM, 2017 [2010], p. 106-107). O entendimento dessa perspectiva teórica centra-se na capacidade interacional da comunicação humana e na organização das relações sociais e da divisão do trabalho da tradução como um processo cooperativo (por exemplo, a relação entre tradutor e cliente).

Holz-Mänttari apresentou a sua teoria no Congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), na Suécia, em 1971, surpreendendo a todos, por conta do entendimento de que a tradução é uma ação e uma forma de comunicação intercultural – com o tempo, a sua teoria foi mais abarcada pelos profissionais de tradução do que pelos estudiosos (acadêmicos) da tradução.

A autora aponta que a ação tradutiva está integrada a sistemas de outras ações e controlada por fatores externos. Nessa perspectiva, a tradução é uma ação complexa, que depende de um contexto social e não da transcodificação linguística. Ela envolve um trabalho especializado em equipe, incluindo o cliente e o tradutor, em que o tradutor desempenha um papel/função central como especialista profissional. O tradutor assume também responsabilidade pela construção do produto e é capaz de localizar os problemas que surgirão no processo tradutório e desenvolver estratégias para solucionar os problemas (HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984, p. 177).

As metodologias referentes a procedimentos, de Holz-Mänttari (1984, p. 99-101), são “segmentação” (entendimento das estruturas, dos elementos e das relações, ou seja, quem/por que/quando/onde solicita a tradução) e “avaliação” (análise de qual(is) o(s) objetivo(s) ou funcionalidade(s) do texto a ser traduzido e, para os receptores/leitores, a língua e a cultura meta).

Para Holz-Mänttari, o processo da ação tradutiva envolve humanos em uma série de papéis a serem desempenhados, oriundos de suas próprias motivações, intenções, visões de mundo, formações etc. (MOREIRA, 2014, p. 191). O Quadro 01, a seguir, apresenta as funções dos participantes e seus respectivos papéis.

Quadro 1 – Papéis dos interactantes na ação tradutiva

PAPÉIS INTERACTANTES NA AÇÃO TRANSLACIONAL	DESCRIÇÃO
Papel do Iniciador	O iniciador principia a ação translatória, pois para alcançar um objetivo específico necessita de uma mensagem concebida e textualizada de forma transcultural
Papel do Solicitador	Recorre ao tradutor em busca de um texto voltado a uma determinada função e para uma determinada situação
Papel do “Textualizador” de Partida	Escreve o texto de partida, seja para fins específicos de translação, seja para outros fins
Papel do Tradutor	Produtor do texto de chegada no âmbito do conceito de ação translacional, podendo agir/atuar em uma equipe, com a presença de outros especialistas
Papel do Aplicador do Texto de Chegada	Trabalho com o texto, reproduz esse texto, vende o texto, dentro outras atividades
Papel do Receptor do Texto de Chegada	É para esse que a mensagem é textualizada

Fonte: MOREIRA (2014, p. 191 *apud* HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984, p. 109-110).

Essa abordagem teórica entende que o tradutor é “treinado adequadamente” e é um “especialista”, mediando a “comunicação transcultural” e incorporando as “novas funções ao texto” (PYM, 2017 [2010], p. 108, 114). Há responsabilidades (éticas e trabalhistas) nessa teoria, pois o tradutor precisa verificar os propósitos do contratante, do proponente, do texto, das culturas envolvidas, das questões socioculturais e de todo o processo complexo que envolve a pré-tradução, a tradução e a pós-tradução. Mesmo diante de “um peso enorme nas costas” – alguns estudiosos da tradução acreditam que deveria ser de responsabilidade do contratante determinar o propósito e as instruções do trabalho a ser realizado –, o tradutor tem “uma grande liberdade de ação” e “poder” (PYM, 2017 [2010], p. 115).

A ação tradutiva é um processo envolvendo várias etapas de trabalho, por exemplo: (i) o cliente solicita o serviço de tradução, fornece o material (o texto de partida) a ser traduzido e apresenta informações sobre o texto meta pretendido; (ii) o tradutor mapeia o texto de partida, analisa as informações intratextuais e extratextuais e projeta a tradução e o produto de acordo com o que foi pretendido/proposto; (iii) constrói-se um texto (rascunho), apresenta-se para um revisor ou cliente, modifica-se conforme as correções e tomam-se decisões para a tradução; (iv) o tradutor assume a responsabilidade pelo produto final traduzido para o texto de chegada (SNELL-HORNBY, 2006, p. 58).

Holz-Mänttari centra a sua preocupação teórica na prática, ou seja, no status do tradutor e no seu trabalho, enfatizando o processo da ação tradutiva sobre análises das funções dos participantes (iniciador, tradutor, usuário, mensagem, recepção) e das condições situacionais (tempo, lugar, meio) (NORD, 2018 [1997], p. 13).

1.2 Teoria do Escopo (*Skopos*)

Os autores Reiss e Vermeer (2013 [1984]), no âmbito das Teorias Funcionalistas da Tradução, formularam a Teoria do Escopo (*Skopos* – no sentido de objetivo, propósito, intenção, meta, função, ação) ou Teoria dos Propósitos. Essa abordagem teórica concebe a tradução como uma ação (comunicativa intercultural), sendo “realizada por uma pessoa que tem uma meta de comunicação específica” (GENTZLER, 2009 [1993], p. 100) e “funciona na situação na qual é usada e com as pessoas que querem usá-la” (VERMEER, 1989, p. 20 *apud* NORD, 2018 [1997], p. 36). O tradutor realiza a sua tarefa tradutória em processo, para, assim, “alcançar o escopo”, um “propósito comunicativo” e uma “função pretendida”, tendo liberdade de decisão no/sobre o texto (PYM, 2017 [2010], p. 97, 100).

Com essa perspectiva teórica, a noção de fidelidade absoluta ao texto de partida fica desacreditada, bem como a noção de equivalência textual, e toma-se a perspectiva do conhecimento (con)textual no ato tradutório. No entanto, se cada texto é produzido para alcançar um determinado propósito, todas as traduções devem servir a esse propósito e permitir que a função seja adequada a cada situação (VERMEER, 1989, p. 20 *apud* NORD, 2018 [1997], p. 36). O que se defende é que todo ato de tradução deve ser consciente, adequado, consistente, coerente intratextual e intertextualmente. Isso porque o texto meta deve ser compreendido e entendido, fazendo sentido para a situação comunicativa e para a cultura de chegada (REISS; VERMEER, 2013 [1984], p. 98, 102).

Com embasamento dos *Skopos*, os tradutores possuem “flexibilidade”, incorporando análises iniciais a partir da coerência textual com foco nos “fatores extralinguísticos” como tarefa, para, assim, decidirem as estratégias tradutórias e participarem ativamente da produção do texto final no contexto de chegada (GENTZLER, 2009 [1993], p. 101, 103; PYM, 2017 [2010], p. 100). Na Teoria dos *Skopos* (*Skopostheorie*), as decisões do tradutor são focadas nos propósitos/objetivos e no processo de ação tradutória.

Essa teoria está baseada no pragmatismo tradutório, ou seja, em um modelo tradutório ideal, sendo baseada nas línguas e nas culturas implicadas na tradução. Por isso, a prática e as normas tradutórias e textuais se juntam no processo tradutório. Ou seja, a tradução é entendida como uma atividade proposital. Cada tradução é direcionada a um público-meta (destinatários e receptores), com objetivos (centrada no destino pretendido) e com foco nas necessidades comunicativas das línguas de partida e de chegada (NORD, 2018 [1997], p. 12).

1.3 Teoria da Tradução Funcional

Christiane Nord (2016a), em *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*, busca nas Teorias Funcionalistas da Tradução formas/métodos para análises textuais e, assim, auxiliar a traduzibilidade (o ato tradutório) entre texto de partida e texto de chegada, facilitando, assim, as tomadas de decisão no ato tradutório. Os métodos analíticos textuais de Nord contribuem para os Estudos da Tradução Aplicados (treinamento/formação de tradutores; didática da tradução; metodologias do ensino da tradução) e para a Tradução Pedagógica (uso da tradução como ferramenta para ensino de línguas estrangeiras). Nord preocupa-se em aproximar a situação comunicativa (situação-na-cultura no tempo e no espaço específico/circunscrito) com a atividade tradutória, observando como o processo analítico da tradução é perpassado pelo viés linguístico, comunicacional, social e cultural. No ato tradutório/iniciador, o tradutor/translador intermedeia (exerce o papel de intermediador) a interpretação entre o emissor/autor do texto de partida, o iniciador/cliente e o receptor/leitor do texto de chegada (interessante destacar que tanto emissor quanto leitor podem ser de culturas e línguas diferentes), com categorias analíticas próprias da Teoria Funcional da Tradução (na perspectiva de Nord).

Nord (2016b), em “Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução”, critica os procedimentos técnicos da tradução⁶ de Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet (1958), por estarem alinhados à estilística comparada e à equivalência textual. Nord afirma que a “tradução interlinear” e a “adaptação livre” seriam uns dos “tipos de tradução (ou “formas

⁶Os procedimentos técnicos da tradução, advindos de uma perspectiva linguística na tradução preponderante entre as décadas de 1950 a 1990, foram inicialmente formulados pelos linguistas franceses Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet em 1958. São sete: (1) empréstimo; (2) decalque; (3) tradução literal; (4) transposição; (5) modulação; (6) equivalência e (7) adaptação.

de transferência textual interlingual”) e referem-se a textos e suas funções, bem como à relação entre textos” (2016b, p. 12).

Christiane Nord revisita Reiss (1985, p. 281), apresentando que as combinações de “procedimentos literais” e “não literais” (englobando o conceito de paráfrase) para a tradução conduzem a cinco tipos de traduções: *tradução interlinear ou palavra por palavra*; *tradução literal*; *tradução filológica*; *tradução comunicativa*; e *tradução adaptada*. Contudo, Reiss considera que, dos cinco tipos de traduções, somente a “tradução comunicativa” deveria ser levada em conta. Nord critica esses tipos de traduções, porque parecem ainda uma forma de transferência textual, mesmo que se justificando como um processo tradutório intercultural. Nord (2016b, p. 14) propõe, então, a “tradução funcional”, pois seria uma

[...] produção de um texto na língua de chegada (LC) que considera a função textual relacionada a um TP existente, sendo que essa relação é especificada de modo diferente, de acordo com o escopo da tradução (a função do TC pretendida ou exigida). A translação possibilita uma ação comunicativa que, em razão das barreiras culturais e linguísticas existentes, não poderia acontecer sem ela. (NORD, 2016b, p. 14)

A “tradução funcional” busca: analisar a “situação de chegada” e os seus respectivos fatores determinantes (clientes, receptores, local, tempo de recepção, dentre outros); entender que o processo de tradução tem uma finalidade e que o texto tem uma intencionalidade sobrevinda do próprio produtor; e preencher os requisitos/princípios da função (objetivo) do texto e dos elementos do texto de partida (podendo ser uma adaptação facultativa ou adaptação obrigatória) no processo tradutório (NORD, 2016b, p. 14).

Nessa perspectiva, o tradutor é participante da ação intermediadora (entre o cliente, o público da cultura de chegada e o autor do texto de partida) e precisa considerar/analisar o que pode/deve ser preservado, alterado e adaptado no processo tradutório. Isso porque “o escopo da tradução não pode contrariar a intenção do autor” no texto de partida e “espera-se dos tradutores que não ‘deturpem’ a intenção do autor” (NORD, 2016b, p. 14).

As Teorias da Tradução Funcional buscam compreender as unidades mínimas de tradução e, principalmente, a funcionalidade do texto. Os teóricos Reiss e Vermeer (1984), Holz-Mänttari (1984) e Nord (2016a, b; 2009)

esforçam-se por compreender o sentido do texto na situação social, ou seja, que, a partir de uma profunda interpretação (hermenêutica) textual, é possível compreender os sentidos, as funções e os efeitos da translação. Por isso, os teóricos funcionalistas da tradução revistam Jakobson (1959), porque há uma análise das funcionalidades dos signos linguísticos nos textos poéticos, assim como descritas no Quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Funções comunicativas da tradução funcional

FUNÇÕES COMUNICATIVAS DA TRADUÇÃO	DEFINIÇÃO
Função Referencial	Esta função está focada no referente ou no contexto ao qual refere-se o texto (também podendo ser de ordem denotativa ou cognitiva)
Função Expressiva (ou Emotiva)	Esta função volta-se para o emissor, principalmente, as suas emoções ou a sua atitude para o referente
Função Apelativa	Esta função está centrada na orientação do texto para o receptor, (também abrangendo a funcionalidade operativa, conativa, persuasiva ou vocativa)
Função Fática	Esta função serve principalmente para estabelecer, ou prolongar, ou suspender/terminar um contato/comunicação entre o emissor e o receptor.

Fonte: Nord (2016b, p. 82)

Essas funções da linguagem são abrangidas como processo analítico da tradução funcional, porque se busca compreender as informações e as funções textuais, transculturais e comunicativas da linguagem.

Nord (2016b, p. 22) apresenta que o tradutor, ao produzir uma tradução, precisa analisar a funcionalidade textual, tanto do texto de partida quanto do texto de chegada. Para Nord, o tradutor é um profissional experiente na intermediação das duas culturas/línguas de trabalho, sempre abrangendo o princípio (ético) da lealdade (respeitando as intenções e negociando as expectativas) de todos os participantes envolvidos no ato da tradução. Todos os participantes da tradução exercem papéis, desde o processo pré-tradutório até o processo pós-tradutório (NORD, 2016b, p. 228-243). Um exemplo disso é quando uma tradução é lida pelos leitores/consumidores do produto traduzido, podendo aflorar efeitos de aceitabilidade ou de estranhamento, muitas vezes, ocasionados pela ordem consciente, inconsciente ou subconsciente (NORD, 2016b, p. 228).

Nord (2016b, p. 229) salienta que o “efeito de um texto é determinado pela combinação específica de fatores extra e intratextuais”, fazendo com

que essas produções textuais (as traduções) causem efeitos, tais como: (i) “a relação entre a intenção do emissor e o próprio texto”; (ii) “a relação entre os receptores e o mundo textual”; e (iii) “a relação entre os receptores e o estilo apresentado no texto”. Além disso, esses efeitos podem ser dimensionados como efeito intencional vs. efeito não intencional; distância cultural vs. distância zero; convencionalidade vs. originalidade.

Para evitar tantos conflitos tradutórios no processo da tradução, Nord (2009, p. 112) sugere uma análise profunda e exaustiva dos fatores extratextuais (busca de compreensão da função textual pelos elementos: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, motivo (propósito) e dos fatores intratextuais (prospecção dos efeitos do texto pelos elementos: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, léxico, sintaxe, elementos suprasegmentais), para, assim, identificar as funções das culturas e línguas envolvidas no processo tradutório (ou na ação produtiva).

Buscando, assim, um estudo pré-tradutório dos fatores extratextuais, Nord (2016b, p. 77-142) propõe as seguintes categorias analíticas, conforme descritas no Quadro 3.

Quadro 3 – Fatores extratextuais

CATEGORIAS ANALÍTICAS DOS FATORES EXTRATEXTUAIS	EXPLANAÇÃO DAS QUESTÕES
Quem?	Questão analítica para obter mais informações sobre o autor/produtor/emissor do texto
Para quê?	Questão analítica referente à intencionalidade do emissor ao produzir/veicular o texto
Para/a quem?	Questão analítica sobre as características do público/receptor que o texto é direcionado
Por qual meio?	Questão analítica a respeito do meio/canal (oral ou escrito) pelo qual o texto é comunicado/veiculado
Em qual lugar? Onde?	Questão analítica referente ao lugar em que o texto está sendo ou será produzido
Quando?	Questão analítica sobre o tempo (momento histórico) da produção e recepção do texto
Com qual função? Por quê?	Questão analítica referente aos efeitos/motivos/funções em que o texto pode alcançar

Fonte: Nord (2016a, p. 75)

Em seguida, Nord (2016a, p. 143-227) propõe um estudo pré-tradutório sobre os fatores intratextuais, conforme descrito no Quadro 4, abaixo.

Quadro 4 – Fatores intratextuais

CATEGORIAS ANALÍTICAS DOS FATORES INTRATEXTUAIS	EXPLANAÇÃO DAS QUESTÕES
Sobre qual assunto?	Questão analítica sobre o tema (ou a temática) de que o texto trata (do início ao fim)
O quê?	Questão analítica sobre o conteúdo textual apresentado e às unidades de informações
O que são?	Questão analítica referente as pressuposições textuais e de conhecimento realizadas pelo autor
Em qual ordem/seqüência?	Questão analítica circunscrita a macroestrutura textual (apresentado como elementos no texto)
Quais elementos não verbais?	Questão analítica para identificação de elementos semióticos, não linguísticos ou paralinguísticos que acompanham o texto
Quais palavras?	Questão analítica sobre as escolhas e as características lexicais no corpo textual
Com/em quais/que orações/frases?	Questão analítica de identificação dos tipos das organizações e estruturas sintáticas no texto
Com qual/que tom?	Questão analítica para observar as características suprasegmentais (prosódia, entonação, ênfases, estrutura rítmica, acentos) no texto

Fonte: Nord (2016a, p. 75)

Ambos os modelos estruturados e propostos por Nord podem facilitar a identificação das funções (ou funcionalidades) e dos efeitos do texto, possibilitando, dessa forma, que o tradutor profissional tenha nenhum ou menos problemas, dificuldades e erros tradutórios no ato da tradução.

Em seguida, Nord (2016b, p. 14) estabelece duas diferentes tipologias funcionais do processo da tradução para se chegar a um texto de chegada. Nord realiza um estudo sobre a tradução documental e a tradução instrumental, estabelecendo definições e diferenciações entre os dois tipos de traduções.

No Quadro 5, a seguir, podemos observar a definição, as categorias analíticas e as definições sobre a tradução documental.

Quadro 5 – Tradução documental

TIPOS DE TRADUÇÕES	DEFINIÇÕES
Tradução Palavra por Palavra ou Tradução Interlinear	Focada na transferência dos itens lexicais, morfológicos, sintáticos, apontando o sistema linguístico da língua de partida
Tradução Literal ou Tradução Gramatical	Focada nas normas linguísticas (estruturas sintáticas – frasais e textuais) do texto de partida para o texto de chegada
Tradução Filológica	Focada na literalidade e na adição de explicações como auxílio de entendimento para o leitor/receptor do texto, ou seja, podendo adicionar notas de rodapé com informações e explicações sobre conceitos, terminologias traduzidas, dentro outros
Tradução Exotizante	Focada na forma do texto de partida (imita/preserva do texto de partida para o texto de chegada as características funcionais e situacionais), fazendo com que o receptor/leitor estranhe o texto traduzido

Fonte: Nord (2009, p. 227)

Como podemos ver no Quadro 5, a tradução documental tem como objetivo manter o registro ou recuperar os elementos linguísticos (morfológicos, lexicais, sintáticos e semânticos) e textuais da língua de partida (texto fonte) na língua de chegada (texto meta). Nord (2009, p. 228) salienta que essa perspectiva de tradução é utilizada em reproduções de falas/textos políticos, documentos legislativos e traduções juramentadas, porque busca-se manter a literalidade do sentido do texto de partida no texto de chegada.

Com isso, esse método de tradução mantém a ordem denotativa (sentido literal) do texto e acrescentam-se, ainda, explicações necessárias (por exemplo, notas de rodapé do tradutor ou glossários antes ou depois do início do texto) da cultura do texto de partida no texto de chegada. Nessa perspectiva, o tradutor realiza a transferência cultural, mantendo os aspectos formais do texto de partida na língua de chegada, fazendo com que os receptores/leitores identifiquem os elementos de outra língua no texto traduzido.

Outra proposta de tradução para Nord (2009, p. 230) seria a tradução instrumental. Essa tradução tem como objetivo servir à ação comunicativa da língua/cultura de chegada, permitindo, assim, que o receptor do texto possa compreender a leitura dentro de sua perspectiva linguística, cultural e social.

Como vemos no Quadro 6, a tradução instrumental busca satisfazer um novo propósito comunicativo, fazendo com que o receptor leia o produto e o

QUADRO 06 – Tradução instrumental

TIPOS DE TRADUÇÕES	DEFINIÇÕES
Tradução Equifuncional	Mantem-se a mesma função e o mesmo objetivo do texto de partida no texto de chegada e, também, inclui as convenções do gênero textual do texto de partida mais as convenções do texto de chegada
Tradução Heterofuncional	Focada na categoria de tradução “adaptativa”, o tradutor não mantém a(s) função(ões) do texto de partida no texto de chegada, porque entende que é preciso adaptar a tradução conforme a historicidade e os aspectos socioculturais do texto de chegada meta
Tradução Homóloga	Focado na relação intertextual e nas exigências de compatibilidade textuais, considerando as transposições entre a literatura clássica e os contextos/culturas de recepção, por isso, é preciso usar a criatividade junto à lealdade no processo tradutório – usada mais na tradução de poesias

Fonte: Nord (2009, p. 230)

entenda como uma ação comunicacional diferenciada, ou seja, há uma “compatibilidade” com a cultura de chegada (NORD, 2016b, p. 134-135).

Aqui, a tradução tem a função de instrumentalizar uma nova ação comunicativa, para, assim, alcançar um objetivo comunicativo, permitindo que o leitor da cultura de chegada receba o texto traduzido o mais lealmente possível.

Nessa perspectiva, o tradutor busca reinventar o texto de partida para o texto de chegada. Abarcam-se, no processo tradutório, os recursos/códigos linguísticos e a situação comunicativa da cultura/língua meta e isso faz com que o leitor não perceba que o texto lido é uma tradução (NORD, 2009, p. 230).

Quadro 7 – Tipologia funcional da tradução

TRADUÇÃO DOCUMENTAL						TRADUÇÃO INSTRUMENTAL			VERSÃO
FORMA	<i>Reprodução idêntica</i>	<i>Tradução palavra por palavra</i>	<i>Tradução literal</i>	<i>Tradução filológica</i>	<i>Tradução exotizante</i>	<i>Tradução equifuncional</i>	<i>Tradução heterofuncional</i>	<i>Tradução Homóloga</i>	
FINALIDADE	Reprodução da grafia da Língua de Partida (LP)	Reprodução do sistema da Língua de Partida (LP)	Reprodução da forma do Texto de Partida (TP)	Reprodução da forma e do conteúdo do Texto de Partida (TP)	Reprodução da forma, do conteúdo e da situação	Obtenção da função de partida no receptor de chegada	Obtenção de função(ões) compatível(eis)	Obtenção de efeito homólogo	Obtenção de funções incompatíveis e efeito
ENFOQUE	Características grafemáticas da Língua de Partida (LP)	Estruturas morfológicas, lexicais e sintáticas da Língua de Partida (LP)	Palavras, sintagmas e frases do Texto de Partida (TP)	Sintagmas, frases, texto (e situação?) do Texto de Partida (TP)	Frases, texto, situação e cultura do Texto de Partida (TP)	Função(ões) do Texto de Partida (TP) na situação de partida	Função(ões) do Texto de Partida (TP) na situação de chegada	Função(ões) do Texto de Partida (TP) na literatura de chegada	Função(ões) do Texto de Chegada (TC) na situação de chegada
PROCEDIMENTO	Transcrição	Substituição	Substituição e paráfrases sintáticas pontuais	Substituição, paráfrases sintáticas pontuais e comentário (externo)	Substituição e paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias	Substituição, paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias e comentário (interno)	Substituição e paráfrases sintáticas e semânticas obrigatórias e facultativas (= adaptação)	Substituição, paráfrases e novas formulações leais	Substituição, paráfrases e novas formulações sem lealdade

Fonte: NORD (2016b, p. 22)

Buscamos no Quadro 7 resumir os dois tipos de traduções documental e instrumental, apresentando, assim, as suas respectivas tipologias funcionais no processo da tradução e no processo de transferência intercultural de textos.

2. Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais e as Teorias Funcionalistas da Tradução

As reflexões e as pesquisas acadêmicas que versam sobre a Tradução e a Interpretação, nos Estudos Surdos e da Educação de Surdos, são relativamente recentes. No I Congresso de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), conforme aponta Maria Lúcia Vasconcellos (2010, p. 120), destacou-se “a pouca atenção dispensada aos profissionais de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) no espaço universitário”. A autora ressalta, ainda, a “necessidade de intercâmbio acadêmico” e o aprofundamento sobre a questão identitária dos profissionais; as diferenças conceituais entre “a tradução e o traduzir” e “a interpretação e o interpretar”; e, também, as ferramentas didáticas para ensino de tradução/interpretação de línguas orais para línguas de sinais.

Em relação aos Estudos da Tradução e da Interpretação das Línguas de Sinais (ETILS), Bontempo (2015) apresenta um panorama internacional, cobrindo a evolução histórica das Comunidades Surdas; a criação e a composição linguística das línguas de sinais; e a profissionalização dos intérpretes de línguas de sinais (em sua maioria, não nativos das Comunidades Surdas). A autora apresenta como os fatos históricos possibilitaram a constituição do profissional intérprete de língua de sinais. Bontempo (2015, p. 112) enfatiza, ainda, a necessidade de se observar os ETILS como uma disciplina madura. Os seus argumentos são defendidos pelos seguintes quatro fatos históricos: (1) já há reconhecimento internacional sobre o trabalho dos profissionais intérpretes de línguas de sinais; (2) muitas línguas de sinais, em todo o mundo, já se consolidaram como línguas e alcançaram *status* linguístico; (3) há muitos trabalhos acadêmicos desenvolvidos em universidades, a respeito da tradução e da interpretação de línguas de sinais; e (4) há novas oportunidades e expansões de ensino e de aprendizagem, em âmbito acadêmico, com intuito de formar intérpretes de línguas de sinais.

No Brasil, entre as décadas de 2000 a 2020, houve forte avanço nas pesquisas dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (QUADROS, 2004 [2002]; VASCONCELLOS, 2010; SANTOS, 2013; RODRIGUES; QUADROS, 2015; RODRIGUES, BEER, 2015; dentre outros). Esses estudos vêm apontando novos redirecionamentos na atuação dos profissionais TILSP (Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras-Língua Portuguesa), em espaços escolares, universitários e outros contextos, principalmente, em espaços públicos e privados, sendo eles: educacional, saúde, cultural-social, midiáticos, espaços formais e não formais, religiosos, jurídicos.

Há dez anos, em contexto nacional, a profissão do TILSP foi regulamentada por meio da Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, com a exigência que a formação fosse realizada por meio de cursos profissionalizantes, de extensão universitária e de formação continuada, com o intuito de intermediar com proficiência e competência a tradução/interpretação no par linguístico Português-Libras.

Houve forte avanço de eventos, congressos, pesquisas, defesas de dissertações e teses acadêmicas, criação de cursos em nível superior (graduação e pós-graduação *lato sensu*) e publicações de artigos e livros, tematizando os ETILS.

Recentes estudos de traduções/interpretações, no par linguístico de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa, apresentam uma perspectiva de tradução intermodal (RODRIGUES, 2018), ou seja, entre um texto escrito para um texto visual-espacial. Nos ETILS, em contexto nacional, há ainda estudos e pesquisas que utilizam as Teorias Funcionalistas da Tradução como fonte teórica, metodológica e analítica (RIGO, 2015; KRUSSER, 2017; LIMA, 2017; PINHEIRO, 2017; SOUZA, 2018; BARBOSA, 2020).

Assim, nesta seção, apresentaremos resenhas críticas dos trabalhos acadêmicos mencionados, a começar com Rigo (2015). No artigo “Tradução de Libras para Português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática”, a autora busca apresentar como se estrutura um projeto de tradução de textos acadêmicos em Libras, com foco na análise de fatores intratextuais e extratextuais. A autora se afilia à Teoria Funcionalista de Nord. Na revisão de literatura, Rigo (2015) revisita nos ETILS as publicações acadêmicas, em que se destacam a prática de tradução de textos (literários, religiosos, musicais, técnicos, institucionais, escolares, científicos-acadêmicos) em Libras. Em seguida, a autora reflete

teoricamente com base em Vermeer, Reiss e Nord, para, assim, apresentar a noção de tradução cunhada pelos três teóricos funcionalistas da tradução. Rigo destaca os conceitos de tradução como uma comunicação intercultural, tradução como escopo/propósitos e processo cultural, consubstanciados em projetos de tradução, com critérios de instrução intralinguísticos e extralinguísticos. A partir dessa revisão de literatura e da aproximação teórica às Teorias Funcionalistas de Tradução, Rigo (2015, p. 464) aponta que seu foco será analisar a tradução da tese “Antologia Poética Sinalizada”, de autoria da tradutora surda Fernanda de Araújo Machado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A tese foi traduzida para Libras, com 146 vídeos, totalizando três horas, trinta e quatro minutos e vinte e três segundos (3h34m23s). Assim, Rigo analisa os fatores extratextuais e intratextuais da tradução. Nos fatores extratextuais destacam-se os seguintes elementos: o acadêmico surdo como *emissor* do texto de partida, considerando as questões culturais, sociolinguísticas e comunicacionais; os *receptores* são os leitores/consumidores da língua meta; a *intenção/motivo* da acadêmica surda são seus próprios objetivos de pesquisa, por exemplo, a divulgação, o reconhecimento, a valorização linguística; o *meio* ocorre pelo vídeo-registro, com foco na publicização de um texto acadêmico traduzido em Libras; o *tempo* corresponde à duração da gravação da sinalização em vídeo. Nos fatores intratextuais, Rigo destaca a importância de ter tido encontros com a tradutora surda no âmbito de um projeto de tradução. Por isso, destaca: a organização do texto (*estrutura*) e dos *conteúdos*; a análise *temática* central entre o texto de partida/fonte e o texto de chegada/meta; a seleção de *elementos não verbais* diante de uma língua gestual-espacial-visual. Rigo (2015, p. 473) conclui que: (i) a prática de tradução de textos acadêmicos produzidos por acadêmicos surdos é uma tarefa complexa, necessitando de urgente reformulação na atuação; (ii) há necessidade de orientações precisas a respeito das decisões metodológicas e tradutórias, principalmente para registro e compartilhamento do material; e (iii) há necessidade de registros e embasamentos que possam auxiliar o tradutor na realização de suas tarefas de forma mais adequada, satisfatória e menos problemática.

Lima (2017), em “‘Missa do Galo’ em Libras: possibilidades tradutórias, busca analisar a tradução do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, realizada pela tradutora surda Heloise Gripp Diniz e publicada pela Editora Arara

Azul (2005). Lima (2017) alinha-se aos Estudos da Tradução de Textos Literários, com a perspectiva teórica de Friedrich Schleiermacher (filosofia, hermenêutica e tradução), Lawrence Venuti (tradução, invisibilidade e categorias analíticas de estrangeirização e domesticação) e Christiane Nord (análise textual e tradutória). Em sua dissertação, Lima (2017) comenta as escolhas tradutórias realizadas pela atriz-tradutora, interconectando, ainda, os conceitos de Literatura Surda, Cultura Surda e Tradução Cultural na tradução. Lima (2017) aponta que a tradutora/tradução: (i) faz uso de elementos multimodais (visual, textual e não-verbal), de glossários indicativos para definições e de sinais (com soletração dos nomes e sinal identificador) especificando os personagens do conto machadiano (p. 23-24); (ii) usa localização dêitica e anafórica para espacializar fisicamente os personagens e as localizações temporal e local da história (p. 25); (iii) opta por uma tradução interlingual, intercultural e intermodal, com aspectos aparentemente “técnicos” de multimodalidade que se tornam relevantes no processo tradutório e na caracterização do produto (p. 26); e (iv) realiza atuação artística, incorporando vestuário e elementos que identificam os personagens (p. 26-27). As análises de Lima (2017) apontam, ainda, evidências de estrangeirização e domesticação na tradução de Heloíse Gripp Diniz, em relação ao paralinguístico Português-Libras, mas sempre considerando o receptor de chegada, o propósito da tradução para as comunidades surdas e as escolhas tradutórias como perspectiva de uma tradução cultural.

Pinheiro (2017), em *Tradução como ferramenta de compreensão da Língua Portuguesa no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará*, busca identificar e apontar a função da tradução em Libras como estratégia de compreensão e interpretação, em gênero textual de artigo científico em Língua Portuguesa, na disciplina “Psicologia e Educação de Surdos”, pertencente ao eixo Fundamentos da Educação de Surdos, sendo ministrada no Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Ceará (UFC). O autor averigua, assim, como a tradução de textos científicos permite que os discentes surdos alcancem níveis de compreensão, para, em seguida, construírem e produzirem textos. Pinheiro (2017) filia-se às abordagens de análises de fatores extratextuais e intratextuais da Teoria Funcionalista da Tradução de Nord, com foco, também, na Teoria do Escopo de Reiss e Vermeer. A metodologia da pesquisa é qualitativa, sendo enquadrada como pesquisa-ação, com aplicação de questio-

nários sobre textos traduzidos em Libras para que seis discentes surdos e uma professora (docente da disciplina “Psicologia e Educação de Surdos”) possam responder às categorias extratextuais e intratextuais entre os textos. Os resultados da pesquisa apontam que o grupo-alvo participante da pesquisa não está familiarizado com um modelo de análise textual entre o texto de partida e o texto de chegada, conforme moldado na abordagem funcionalista nordiana. Pinheiro (2017) concluiu, também, que os discentes surdos: (i) precisam familiarizar-se com as estruturas sintáticas e os vocabulários em Português; (ii) precisam conscientizar-se das peculiaridades do Português como segunda língua; (iii) necessitam realizar leituras mais atentas dos textos científicos; (iv) carecem de instrumentos conceituais da Linguística Textual; (v) adquirem conhecimentos terminológicos específicos em Libras a partir dos textos (original e traduzido); (vi) não se consideram capazes de traduzir textos científicos de Português para Libras; (vii) reconhecem a tradução como um mecanismo ferramental vantajoso para compreensão leitora.

Krusser (2017), em *Design editorial na tradução de Português para Libras* analisa como os elementos do design editorial, na tradução de Português para Libras, favorecem a leitura de alunos surdos, no campus Palhoça do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). A autora tem como objetivo principal avaliar os recursos de *design* e ferramentas computacionais, na tradução de textos de Português para Libras. Krusser (2017) alinha-se à Teoria da Análise Textual (Nord), considerando os aspectos intratextuais e extratextuais nas traduções em Libras, e aproxima os Estudos da Tradução do *Design*. A autora aplica questionários, testes de leituras e tarefas de compreensão textual, realizando uma avaliação diagnóstica da usabilidade de três textos traduzidos de Português para Libras, mas com diferentes versões de traduções. Trinta e três estudantes surdos e oito estudantes ouvintes (do curso técnico em Tradução e Interpretação de Libras) participaram da pesquisa. Além disso, Krusser analisa os elementos do design editorial (identidade visual, formato, tamanho, estrutura de navegação, margens, composição dos blocos de texto, diagramação, tipografia, cores, imagens, destaques, notas, citações, glossários, numeração, títulos, índices, páginas iniciais e finais, capa, recursos digitais e hipertextualidade). Os dados apontam que o *design* na tradução para Libras precisa ser planejado, permitindo dinamismo e flexibilidade na produção dos vídeos. Segundo Krusser (2017), esse planejamento “influencia as

definições sobre a identidade visual do material, que pode optar por manter o estilo da publicação do texto de origem ou criar um estilo próprio” (p. 205). Os dados apontam, ainda, que os vídeos traduzidos para Libras precisam integrar elementos de *design*, tais como “posição, tamanho e orientação da janela ou o uso de recortes do fundo para sobrepor o intérprete integrado com outros elementos que interferem na leitura” (p. 205). Os textos traduzidos para Libras, sendo longos e com finalidade didática, apresentam desafios para os estudantes, principalmente por conta da falta de experiência de leitura visual, por isso, é preciso incluir elementos multimodais (fotografias, ilustrações, infográficos, animações, ícones, dentre outros), para permitir uma leitura eficaz e facilitar a compreensão visual (p. 206).

Souza (2018), em *Análise textual intralingual para a tradução de poemas em Libras ao Português*, busca apresentar a traduzibilidade do texto do autor surdo em poemas em Libras e analisar a textualidade, com foco intralingual. O autor baseia-se na perspectiva teórica da Tradução Funcionalista de Nord, considerando-a como ferramenta metodológica, normativa e descritiva na análise textual de poemas traduzidos em Libras, por tradutores surdos. Souza (2018) analisa dois poemas: “Bandeira brasileira” de Nelson Pimenta de Castro; “Poema ainda sem título” de Ricardo Boaretto de Siqueira. O autor realiza transcrições em glosas escritas da Libras para o Português pelo programa *ELAN (Eudico Linguistic Annotator)*, para, assim, analisar com base nas categorias analíticas de Nord, identificando os elementos extratextuais e intratextuais nas duas poesias traduzidas e retextualizadas. Nas transcrições de Souza (2018), registram-se as repetições de sinais, as rimas, os morfismos, as pausas e suspensões das sinalizações, os tamanhos dos movimentos (podendo ser encurtados ou reduzidos), as ênfases dos movimentos, as durações dos movimentos e as assimetrias e simetrias (temporal e espacial). Seguindo os princípios de Nord de que a comunicação é interativa, Souza (2018) analisa os aspectos da (situação e da combinação da) textualidade poética-visual, com foco nos elementos verbais e não-verbais e nos aspectos extratextuais/intratextuais nos textos traduzidos em Libras. Os dados apontam que há: (i) limitações nos ETILS, com falta de integração entre os estudos funcionalistas e análises de poemas em línguas de sinais; (ii) poucas pesquisas em Tradução de Poesia em Língua de Sinais; (iii) desafios e complexidades do uso do *ELAN*, como ferramenta de transcrição de poemas

em línguas de sinais; (iv) falta de experiência na tradução de poesia por parte do próprio autor. As suas análises apontam, ainda, que as “línguas são como são, elas se apresentam como estão e não como as pesquisas gostariam que elas fossem” (p. 238), ou seja, a língua de sinais tem sua complexidade e singularidade linguística; e que “em cenários investigativos de tradução, não existem intraduzibilidades” (p. 238), indicando, dessa forma, que os textos são traduzíveis, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais.

Barbosa (2020), em *Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: Língua Portuguesa-Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência*⁷, tem como objetivo discutir e verificar a aplicabilidade/usabilidade de estratégias linguísticas e de solução de problemas, durante o processo de interpretação de Português-Libras. O autor se afilia às Teorias Funcionalistas da Tradução, sobretudo de Hans Vermeer (Teoria dos Propósitos) e Christiane Nord (Análise Extra/Intratextual), além de outras abordagens teóricas, tais como Modelo de processo de Interpretação “Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições”. Na tese de Barbosa, destacamos a aproximação entre as Teorias Funcionalistas da Tradução com os Estudos da Interpretação (principalmente no ato de interpretação simultânea), o que é uma importante iniciativa. Ou seja, mesmo os funcionalistas da tradução tendo se debruçado sobre o ato da tradução, a aproximação das perspectivas funcionalistas ao ato da interpretação é válida e relevante, isso porque um intérprete antes de chegar ao local de interpretação ou de iniciar a tarefa de interpretação precisa buscar o máximo de informações sobre o assunto/conteúdo, as línguas/culturas de trabalho e os objetivos do evento interpretativo. Barbosa (2020) busca, também, dar destaque às estratégias linguísticas de solução de problemas no ato de interpretação, principalmente quando revista as estratégias de omissão, adição, substituição, parafraseamento, expansão e antecipação. A metodologia da pesquisa de Barbosa (2020) é dividida em dois momentos: análise de filmagens de interpretações de Português para Libras em contexto de conferência e análises de protocolos verbais (Think-aloud Protocols – TAPs). O autor analisa os vídeos gravados de um contexto de conferência, com interpretação de Português-Libras: *primeiro*, o 1º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpreta-

⁷ O autor gentilmente nos disponibilizou a versão final de sua tese, antes mesmo de ser inserida no repositório de teses da UFSC, pelo que agradecemos.

ção de Libras e Língua Portuguesa, promovido pela UFSC, em 2008; *segundo*, o 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação, promovido pela Universidade de Brasília (UnB), em 2019. Depois disso, o autor realiza transcrições das falas das conferências e das interpretações em Libras, buscando identificar as estratégias linguísticas e soluções de problemas no ato da interpretação simultânea. Em seguida, Barbosa realiza entrevistas (denominando-as “entrevistas retrospectivas”) pelo aplicativo *Skype*, com os sujeitos analisados em sua pesquisa, perguntando o que lembravam dos momentos de trabalho e de interpretação. Os dados apontam que: (i) os profissionais intérpretes de Libras tiveram dificuldades constantes durante a interpretação; (ii) quando os profissionais utilizavam as estratégias linguísticas para solução de problemas, em um primeiro momento, resolviam as dificuldades/os problemas pontuais iniciais, no entanto, desencadeavam-se outros problemas/dificuldades; (iii) o *feedback* negativo dos receptores (o público ou a audiência) impactou diretamente no produto final, pressionando, assim, os profissionais a recorrerem à estratégia de reformulação.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar as Teorias Funcionalistas da Tradução, apontando as três vertentes teóricas (teoria da ação tradutiva; teoria dos skopos; teoria da tradução funcional) e as categorias analíticas que contribuem para a construção de uma didática da tradução.

Observamos que as perspectivas teóricas funcionalistas da tradução rompem com as dicotomias saussurianas, as abordagens formalistas linguísticas da gramática gerativista e a perspectiva da equivalência entre línguas. Assim, as três perspectivas teóricas funcionalistas da tradução munem-se de estratégias próprias para afastar-se dos procedimentos técnicos da tradução baseados na fidelidade/equivalência interlinguística. Ao contrário disso, a tradução, em perspectiva funcionalista, considera que o contexto (a situação comunicativa e cultural), as ações, os papéis e as intenções dos participantes são relevantes para serem abarcados na tradução entre o texto de partida e o texto de chegada. Buscam-se, ainda, contemplar no processo da tradução os propósitos/objetivos da cultura de chegada/meta e dos participantes na situação de recepção, bem como a lealdade ao texto fonte.

Nessa linha teórica, a tradução tem um propósito/objetivo e, por isso, o processo tradutório é gerenciado pela intencionalidade comunicativa e pelo contexto. E, também, as abordagens funcionalistas da tradução são baseadas nas experiências práticas (diárias) da profissão de tradutor (NORD, 2009, p. 211). Por isso, os tradutores atuam como intermediadores linguísticos/culturais, são receptores críticos e tomam decisões estratégicas no processo do ato pré-tradutório e no momento da tradução, do texto de partida para o texto de chegada, sempre sendo orientados pelos fatores extratextuais e intratextuais e conforme as expectativas dos contextos.

Ao revisitarmos artigos, dissertações e teses acadêmicas nos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais (ETILS), com articulação teórica, metodológica e aplicada com as Teorias Funcionalistas da Tradução, observamos que apontam uma preocupação sobre como construir um texto traduzido visualmente, abarcando os elementos multimodais, extratextuais e intratextuais. As pesquisas apontam que ainda faltam metodologias de pesquisa em que se descrevam as traduções nas perspectivas funcionalistas, sendo, assim, mais aplicáveis aos ETILS.

Além disso, observamos que as seis pesquisas no âmbito dos ETILS não apresentaram aplicações tradutórias/interpretativas de todas as categorias analíticas das Teorias Funcionalistas da Tradução, assim como foram apresentadas neste artigo. Acreditamos que futuras pesquisas em tradução/interpretação de textos visuais em Libras possam explorar mais as categorias das Teorias Funcionalistas da Tradução, apontando os impasses, as dificuldades e se os procedimentos funcionalistas são aplicáveis ou não à tradução/interpretação de textos em línguas de sinais. A partir dessas análises e experiências, os ETILS poderão considerar as novas metodologias de pesquisa e novas categorias mais aplicáveis para/no ato tradutório/interpretativo em línguas de sinais.

As Teorias Funcionalistas da Tradução centram-se na dinâmica do processo da tradução e no propósito pragmático entre as culturas/línguas de trabalho. Não sendo puramente fundamentadas na teorização, as perspectivas funcionalistas da tradução oferecem uma aliança entre a teoria e a prática, subsidiando, assim, a didática (e o ensino) da tradução/interpretação e, também, a formação de tradutores/intérpretes. Além disso, a relevância social da teoria centra-se na aplicabilidade de metodologias de trabalho e de avaliações textuais entre as culturas/línguas envolvidas no processo de tradução/interpretação.

Na nossa visão, ainda há um campo vasto e inexplorado de aplicação das Teorias Funcionalistas da Tradução às formações de tradutores/intérpretes no par linguístico Português-Libras, carência esta que vem sendo explorada por nós em pesquisas em curso, no Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais (GPETILS), no Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGEL/PUC-Rio).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. M. *Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: Língua Portuguesa-Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência*. 2020. 248 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução – Linha de Estudos da Interpretação), Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

BONTEMPO, K. Signed Language Interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOURDENNAIS, R. (ed.). *The Routledge Handbook of Interpreting*. New York/US: Routledge, 2015, pp. 112-128.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução Marcos Malvezzi. 2ª ed. rev. São Paulo: Madras, 2009 [1993].

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R. (ed.). *On Translation*. Cambridge: Mass, 1959, p. 232–239.

HOLZ-MÄNTTÄRI, J. *Translatorisches Handeln – Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedekatemia, 1984.

KRUSSER, R. S. *Design editorial na tradução de Português para Libras*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis.

LIMA, D. A. *“Missa do Galo” em Libras: possibilidades tradutórias*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza.

- MOREIRA, M. V. S. *Estudos funcionais da tradução: rupturas e continuidades*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua e Literatura Alemã), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NORD, C. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. *Mutatis Mutandis*, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009.
- NORD, C. Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Tradução Meta Elisabeth Zisper. *Coleção Transtextos*, v. 1, 1ª série, 1 ed. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016a.
- NORD, C. Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, p. 09-25, 2016b.
- NORD, C. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. 2nd edition. London/New York: Routledge, 2018 [1997].
- PINHEIRO, M. W. *Tradução como ferramenta de compreensão da Língua Portuguesa no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza.
- PYM, A. *Explorando as teorias da tradução*. Tradução Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017 [2010].
- QUADROS, R. M. *O Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília/DF: MEC; SEESP, 2004 [2002].
- REISS, K. Paraphrase und Übersetzung. Versuch einer Klärung. In: GNILKA, J.; RÚGER, H. P. [ed.]. *Die Übersetzung der Bibel – Aufgabe der Theologie*. Bielefeld: Luther-Verl, 1985.
- REISS, K.; VERMEER, H. J. *Towards a general theory of translational action*. Translated by Christiane Nord. London / New York: Routledge, 2013 [1984].
- RIGO, N. S. Tradução de Libras para Português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 458-478, jul-dez, 2015.
- RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.
- RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, pp. 17-45, 2015.
- RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Orgs.). Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, jul/dez., 2015.
- SANTOS, S. A. *Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise de teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC: UFSC, 2013.

SNELL-HORNBY, M. *The Turns of Translation Studies. New Paradigms or Shifting Viewpoints?* Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2006.

SOUZA, S. X. *Análise textual intralingual para a tradução de poemas em Libras ao Português*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar "Estudos da Tradução". *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, (out.), pp. 119-143, 2010.

VERMEER, H. J. Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie. In: VERMEER, H. J. (ed). *Aufsätze zur Translationstheorie*. Heidelberg. 48–88. First published in *Lebende Sprachen*, 23, 1, p. 99–102, 1983 [1978].

VERMEER, H. J. *Skopos und Translationsauftrag – Aufsätze*. 2nd edition. Heidelberg: Universitat, 1989.

VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier, 1958 [1971].